SUBJETIVIDADES
e-ISSN: 2359-0777
Universidade de Fortaleza
Relatos de Pesquisa

https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v26i1.e15153

Parentalidade transcultural: Experiências de pais e mães em exílio no Brasil

Cross-cultural parenthood: Experiences of fathers and mothers in exile in Brazil

Parentalidad transcultural: Experiencias de padres y madres en el exilio en Brasil

Parentalité transculturelle : Expériences de pères et de mères en exil au Brésil

Claudia Regina da Costa Pinna
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-0669-6614

Rebeca Nonato Machado
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-9465-1570

Maíra Bonafé Sei*
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil
http://orcid.org/0000-0003-0693-5029

Renata Machado de Mello
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
http://orcid.org/0000-0002-1881-8690

Como citar
Pinna, C. R. C., Machado, R. N., Sei, M. B., & Mello, R. M. (2026). Parentalidade transcultural: Experiências de pais e mães em exílio no Brasil. *Revista Subjetividades*, *26*(1), 1-13. https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v26i1.e15153

Histórico de publicação
Submetido em: 03/04/2024 **Aceito em:** 06/05/2025 **Publicado em:** 03/03/2026

Resumo

Neste trabalho, foram analisadas as vivências sobre a construção da parentalidade, atravessada pela condição de exílio, em pais e mães casados que tiveram o primeiro filho no Brasil. Trata-se de um estudo qualitativo do qual participaram quatro casais heterossexuais cisgênero, sendo três deles provenientes do mesmo país sul-americano e um casal de país africano. Cada membro do casal foi entrevistado individualmente, com dados analisados por meio do estudo de casos múltiplos, agregando as informações concernentes a cada casal a partir de dois campos de discussão: 1) Projeto e experiências iniciais de parentalidade; 2) Relação parento-filial e perspectivas de futuro. Constatou-se que a primeira experiência de parentalidade representou a criação de um território subjetivo novo ao favorecer o diálogo entre o passado e o presente, viabilizando o enraizamento no território de exílio e criando diferentes vicissitudes de estar em uma nova cultura.

Palavras-chave: parentalidade transcultural, exílio, transmissão cultural, primogênito.

***Autora correspondente**
E-mail: mairabonafe@gmail.com

Abstract

This study analyzed the experiences of constructing parenthood, influenced by the condition of exile, among married parents who had their first child in Brazil. This qualitative study involved four cisgender heterosexual couples, three from the same South American country and one from an African country. Each couple was interviewed individually, and data were analyzed through a multiple case study approach, aggregating information about each couple based on two areas of discussion: 1) Initial parenting plans and experiences; 2) Parent-child relationship and future perspectives. It was found that the first experience of parenthood represented the creation of a new subjective territory by fostering the establishment of a dialogue between past and present, enabling rooting in the territory of exile, and creating the different vicissitudes of being in a new culture.

Keywords: *cross-cultural parenting, exile, cultural disruption, firstborn.*

Resumen

Este estudio analizó las experiencias de construcción de la paternidad, influenciadas por la condición de exilio, entre padres casados que tuvieron su primer hijo en Brasil. Este estudio cualitativo involucró a cuatro parejas heterosexuales cisgénero, tres del mismo país sudamericano y una de un país africano. Cada pareja fue entrevistada individualmente y los datos se analizaron mediante un estudio de caso múltiple, agregando información sobre cada pareja con base en dos áreas de discusión: 1) Planes y experiencias parentales iniciales; 2) Relación padre-hijo y perspectivas futuras. Se encontró que la primera experiencia de paternidad representó la creación de un nuevo territorio subjetivo al fomentar el establecimiento de un diálogo entre el pasado y el presente, lo que permitió el arraigo en el territorio del exilio y la creación de las diferentes vicisitudes de estar en una nueva cultura.

Palabras-clave: *parentalidad transcultural, exilio, transmisión cultural, primogénito.*

Résumé

Cette étude a analysé les expériences de construction de la parentalité, influencées par la condition d'exil, chez des parents mariés ayant eu leur premier enfant au Brésil. Cette étude qualitative a porté sur quatre couples hétérosexuels cisgenres, trois originaires d'un même pays d'Amérique du Sud et un d'un pays africain. Chaque couple a été interrogé individuellement et les données ont été analysées selon une approche d'études de cas multiples, agrégeant les informations sur chaque couple selon deux axes de discussion : 1) les projets et expériences parentaux initiaux ; 2) la relation parent-enfant et les perspectives d'avenir. Il a été constaté que la première expérience de parentalité représentait la création d'un nouveau territoire subjectif, favorisant l'établissement d'un dialogue entre passé et présent, permettant l'enracinement dans le territoire de l'exil et créant les différentes vicissitudes de l'intégration dans une nouvelle culture.

Mots-clés : *parentalité interculturelle, exil, transmission culturelle, premier-né.*

Parentalidade: conceito e considerações iniciais

O conceito de família se apresenta como algo que é influenciado por questões históricas, sociais e culturais e, assim, passa por alterações ao longo dos tempos, sendo constantemente repensado. Seu sentido já esteve vinculado às relações delineadas por meio do casamento e, a partir dele, dos laços de filiação. Entretanto, pode-se apontar hoje para uma visão mais abrangente, que considera configurações vinculares diversas, compreendendo os vínculos estabelecidos a partir da aliança e filiação, independentemente do gênero dos cônjuges. No que se refere aos laços de aliança, como o casamento ou a união estável, pode-se ponderar que nem sempre eles se fazem presentes, a exemplo das famílias monoparentais. De forma geral, aponta-se para a presença de um espaço vincular a partir do qual são estabelecidos processos de identificação, alianças inconscientes, transmissão de valores culturais, éticos e morais, além da herança psíquica geracional (Dias, 2021).

Ao se considerar o vínculo de filiação, laço que implica a passagem do ser só ou ser casal para o ser família, faz-se relevante pensar sobre o conceito de parentalidade. Tal termo pode ser entendido como "um conjunto das funções e atividades desenvolvidas por um progenitor ou cuidador, com o objetivo de promover o desenvolvimento saudável da criança" (Magalhães, 2021, p. 386). A construção da parentalidade implica um amadurecimento para o exercício desse cuidado, que é influenciado por aspectos individuais, advindos das histórias dos pais, suas mitologias e traumatismos, bem como por aspectos coletivos, incluindo cultura e história (Magalhães, 2021). Com isso, acredita-se que os processos

de deslocamento e possíveis vivências de desenraizamento proporcionadas pelo exílio podem influenciar o exercício da parentalidade, haja vista as mudanças e adaptações na língua, cultura, costumes e valores, face ao novo contexto.

Migrações, exílio e parentalidade

O tema das migrações convoca permanentemente uma articulação teórica interdisciplinar entre autores de vários campos de conhecimento, utilizando-se, por exemplo, de conhecimentos da antropologia, sociologia, filosofia e outros campos do saber para refletir acerca de tal problemática (Macedo, 2022). Em consonância, Rosa (2016) considera a interdisciplinaridade para a análise das vivências de exilados, a fim de pensar em diversas dimensões sobre esta condição de vida ou sobre o campo sociopolítico em que eles estão inseridos.

Sobre a migração, percebe-se que ela pode ser motivada por guerras, questões políticas, religiosas e ambientais, que levam muitas pessoas a buscarem outras formas de refazer suas vidas, o que geralmente acontece longe de seu Estado, cultura e familiares. Pode-se indicar, ao se contemplar as crises e os conflitos entre nações ao redor do mundo vivenciados na atualidade, que as migrações têm se intensificado, gerando desdobramentos violentos e ampliando feridas em diversas famílias e na história mundial.

Quanto às consequências da migração, elencam-se situações como a incerteza em relação ao futuro, o sentimento de não pertencimento e a discriminação, configurando-se como sofrimentos psíquicos observados no contato com famílias migrantes. Além da vivência de descontinuidade, aquele que migra é visto a partir de definições de categorias jurídicas, como refugiado, migrante forçado ou econômico, exilado e indocumentado. Tal experiência recebe diversas nomeações com implicações simbólicas específicas e que tornam, muitas vezes, a trajetória e os afetos quase invisíveis.

Para Nouss (2015), o uso do termo migrante envolve números e políticas de gestão, o que reduz a discussão sobre a diversidade de vivências emocionais, os percursos individuais e coletivos. Contudo, o termo exilado destaca a experiência subjetiva do migrante (Nouss, 2015), com a condição exílica ajudando a compreender a identidade adquirida em uma jornada. Assim, qualquer exílio acarreta mudança no sujeito, tendo como efeito a vivência subjetiva de não pertencer inteiramente a um território. Adotou-se, assim, a terminologia de exílio por contemplar a condição humana em sua concepção de deslocamento, implicando um sentimento de desenraizamento.

Ao se refletir sobre o exílio, pode-se pensar sobre a concepção do laço social, sendo ele responsável pela transmissão de valores e da cultura, criando um senso de continuidade, ponderando-se que, em uma sociedade na qual impera o acelerado processo de deslocamentos e mudanças, a integração entre as diversas transmissões passa a ser um desafio. Sobre a interação cultural, Nicolescu (1999) argumenta que existem modalidades diferentes de interação cultural, quais sejam: 1) multicultural, 2) intercultural e 3) transcultural. A interação multicultural permite a interpretação e, às vezes, a superposição de uma cultura por outra. A interação intercultural possibilita uma fecundação de uma por outra, quando uma sociedade aprende a reconhecer e interpretar contextos culturais diferentes dos seus, ajustando-se a novas realidades. A interação transcultural estabelece uma visão aparentemente similar à intercultural, mas diferencia-se por haver um processo de criação de outra cultura, que ultrapassa a síntese das diferenças.

Como indicado acima, tem havido um aumento de famílias atravessadas pela experiência de migração (Ramos, 2020), originadas de diferentes contextos culturais e, portanto, sustentadas por outras referências de valores, rituais e práticas interacionais. Tais famílias precisam fortalecer a capacidade de resiliência e suportar a transitoriedade afetivo-cultural para estabelecer raízes na nova cultura em que vivem. Neste sentido, para Santos e Meza (2021), tem-se uma construção laboriosa de um lugar seguro para o qual seja possível o migrante levar seus familiares, havendo o enfrentamento de desafios concernentes ao idioma, legislação, costumes etc.

Ao se falar sobre família, pensa-se igualmente sobre a parentalidade e como ela pode ser organizada em enlaces culturais em situações de exílio. No marco do início da parentalidade, rupturas culturais atravessam a relação parento-filial, sendo fundamental considerar o contexto de exílio, neste momento do ciclo de vida, que ocorre sem apoio da cultura de origem ou da família extensa. Moro (2017) destaca que não existe a melhor maneira de ser pai ou mãe, mas é necessário que haja apoio para que emerjam as potencialidades, facilitando a construção e manutenção do lugar parental.

É interessante pensar que a passagem para a parentalidade envolve certa experiência de deslocamento psíquico no campo da cadeia geracional, ou seja, há a transmutação do lugar geracional (de filho) para construir outro (ser pai), transformando a subjetividade e a identidade grupal. Portanto, é um processo que envolve conteúdos inconscientes e conscientes, aspectos históricos e sociais. A parentalidade opera a cada nascimento de um filho, em um contexto social específico, superando a dicotomia entre a dimensão pública (política) e a privada (família) (Rosa, 2023). Na vivência de exílio, o casal parental se depara com angústias naturais dessa transmutação, porém, nesse processo associa-se a concretude das rupturas dos referenciais culturais de sustentação.

Face aos elementos descritos e à experiência de perda e ruptura daqueles que deixaram para trás a vida na cultura de origem, onde poderiam contar com a família extensa e certo apoio, questiona-se como famílias podem encontrar vias para

vivenciar o processo de parentalidade, despertando potencialidades, sem cair em um processo de melancolia. Em vista disso, a proposta deste trabalho foi refletir sobre o impacto da situação de exílio na construção da parentalidade, a partir do nascimento do primeiro filho no Brasil.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com delineamento de estudo de campo.

Participantes

Participaram desta pesquisa quatro casais, casados, heterossexuais, cisgênero, configurando um total de oito sujeitos (n=8), entrevistados individualmente. O acesso aos participantes ocorreu por meio de indicações da rede de contatos dos pesquisadores, constituindo-se, portanto, em uma amostra por conveniência.

Tabela 1:

Caracterização dos participantes

Casais	Nome	Continente	Idade de saída do país de origem	Tempo de casamento	Tempo de permanência no Brasil	Idade dos filhos	Escolaridade	Situação de trabalho
1	Ângela	América do Sul	24 anos	4 anos	4 anos	2 anos	Graduação em Ciências da Saúde	Trabalha na profissão
	Olavo	América do Sul	28 anos	4 anos	4 anos	2 anos	Graduação em Ciências Humanas	Sem trabalho
2	Márcia	América do Sul	25 anos	15 anos	15 anos	11 e 15 anos	Graduação em Ciências Exatas	Sem trabalho
	Luciano	América do Sul	30 anos	15 anos	15 anos	11 e 15 anos	Graduação em Ciências Exatas	Trabalha como autônomo
3	Andrea	América do Sul	26 anos	6 anos	2 anos	18 meses	Graduação em Ciências Humanas	Sem trabalho
	Felipe	América do Sul	28 anos	6 anos	2 anos	18 meses	Graduação em Ciências Humanas	Trabalha em empresa
4	Melina	África	20 anos	4 anos	7 anos	18 meses	Nível superior incompleto	Trabalha com estética
	André	África	26 anos	4 anos	4 anos	18 meses	Graduação em Ciências Exatas	Trabalha na área de ensino

Procedimentos

Os casais foram indicados por meio da rede de contatos dos pesquisadores, tendo-se estabelecido um contato telefônico inicial, momento no qual foi explicado o tema e objetivo geral da pesquisa, agendando-se o encontro para realização da entrevista. As entrevistas foram realizadas individualmente, com cada cônjuge, tendo sido gravadas em áudio e conduzidas em língua portuguesa, em local e data de preferência do participante.

Instrumentos

Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos: 1) Ficha biográfica a fim de coletar dados como idade, profissão, atividades laborais exercidas anteriormente e atualmente, cidade e país de origem, idade dos filhos, tempo de casamento e de residência no Brasil; 2) Roteiro de entrevista semiestruturado, flexível e norteador para apreensão dos conteúdos abordados, abarcando eixos temáticos sobre a saída do país de origem, a escolha do Brasil como lugar de nova residência, as repercussões nas famílias de origem desencadeadas pelo deslocamento cultural do casal e, por fim, as experiências da parentalidade.

Análise dos dados

A análise dos dados foi empreendida por meio do estudo de casos múltiplos, agregando as informações concernentes a cada casal, tendo-se delineado dois campos de discussão acerca das experiências relatadas, quais sejam: 1) Projeto e experiências iniciais de parentalidade; 2) Relação parento-filial e perspectivas de futuro. Posteriormente, foram apresentadas reflexões gerais, relativas ao conjunto de dados de forma mais ampla.

Aspectos éticos

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da instituição junto à qual a pesquisa foi realizada, parecer número 144.2018, sendo que todos os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Resultados e Discussão

A construção da parentalidade deve ser considerada como um processo constitutivo do psiquismo familiar e da subjetivação. Quando um casal decide ter um filho, uma nova organização familiar é formada, compondo um núcleo familiar diverso e transformando a família extensa. Tal experiência mobiliza elementos que vão para além dos aspectos biológicos, estando articulada a elementos históricos, sociais, culturais e afetivos (Carter & McGoldrick, 1995; Moro, 2017; Solis-Ponton, 2004). A partir dessa concepção basilar sobre a parentalidade, adentra-se na análise de cada casal.

Casal 1: Ângela e Olavo

Projeto e Experiências Iniciais de Parentalidade

Ângela e Olavo foram namorados na adolescência e se reencontraram na fase adulta. Insatisfeitos e preocupados com o agravamento político em que o país natal se encontrava, decidiram arriscar a vida fora dali. O Brasil foi o destino, pois Ângela conseguiu trabalho em um programa da área de saúde do governo brasileiro. Ainda no país de origem, casaram-se escondidos das famílias para que não houvesse interferência na decisão tomada. A ideia de um novo trabalho e uma vida a dois pareceu-lhes um desafio promissor.

Entretanto, depois de um ano, o Brasil também atravessava instabilidades políticas e econômicas. Olavo permanecera sem trabalho e Ângela, com o término do contrato de trabalho, se via face ao agravante de ainda não ter conseguido o processo de reconhecimento de seu diploma estrangeiro, com uma situação de vulnerabilidade cercando o casal. O desejo de se tornarem pais foi antecipado pela ideia de que um filho brasileiro poderia ajudá-los a permanecer no país. No caso de Ângela, os medos relacionados ao desenvolvimento da primeira gestação e ao parto vieram acompanhados de muitas expectativas, por estar afastada da família e cultura. Relatou que uma das maiores preocupações eram as intervenções médicas:

> "Estava sem família e tive muito medo de como seria assistida. Minha mãe não estava perto. Mas, por fim, fui muito bem cuidada por toda a equipe. As enfermeiras e outras mães me ajudaram junto [...] Ajudaram-me a me adaptar como mãe" (Ângela).

> "Consegui um trabalho um pouquinho antes do filho nascer. Fizemos dos nossos vizinhos nossos novos amigos. A esposa do colega do trabalho também vinha ajudar" (Olavo).

Mesmo em situação de exílio, os novos pais se abriram às recém-adquiridas redes de apoio e acolhimento. A experiência de encontrar ambientes e pessoas protetoras foi descrita como fundamental para dar contorno às ansiedades de ruptura. Percebeu-se que o filho permitia, antes mesmo de nascer, a construção de laços de confiança que preservaram um senso de continuidade de existência.

Relação Parento-Filial e Perspectivas de Futuro

As possibilidades de reencontrar tudo o que haviam deixado foram diminuindo. O exercício da parentalidade, as demandas de educação e o crescimento do filho foram vivenciados simultaneamente à necessidade de elaboração sobre como transmitir a cultura da família de origem no novo território. O filho brasileiro marcava um desafio e trabalho psíquico para estabelecer uma continuidade sem negar a descontinuidade. Como mencionado, o exercício da parentalidade exige a internalização dos valores da cultura de acolhida e a transmissão dos valores portados da cultura de origem (Rosa, 2023):

> "Ele ainda é muito pequeno, mas queremos transmitir tudo o que é nosso [...] Ele fala em português, mas com a gente só em espanhol [...]. Pelo whatsapp com os avós também. Se me perguntam: qual a nacionalidade dele? Não sei se ele é brasileiro" (Ângela).

> "Mesmo longe, quero passar o que recebemos dos pais da gente para eles verem o que nos ensinaram [...] Gostam de ver ele pela câmera [...] Acho que ele é de lá e daqui" (Olavo).

Percebe-se o esforço dos pais para a formação do filho em um distante contato com a família de origem. Nas falas de Ângela e Olavo, tem-se uma tentativa de construir um espaço para os vínculos entre "os de cá e os de lá". Para Kaës (2000), na família circula e se transmite a matéria psíquica que compõe a cultura familiar, da qual somos partes constituídas e constituintes. Esse desejo de transmissão é um movimento natural para dar continuidade e expressão à subjetividade.

Junto à experiência da parentalidade, o casal relatou incertezas em relação ao futuro dos demais familiares. Ângela e Olavo sentiam-se responsáveis pela família de origem, o que os fez traçar planos de manter ajuda à família extensa. A grave situação de falta de recursos essenciais do país de origem mobilizou-os a ajudar os demais membros da família, que também acabaram migrando em condições precárias:

> "Não tem como pensar em nosso futuro [...]. Para ver outro apartamento pra nós, de quantos quartos tem que ser? Quantos parentes temos que sacar de lá para cá?" (Ângela).

A projeção de um futuro permanecia barrada pela incerteza, bem como pela culpa e responsabilidade de salvar aqueles que permaneceram no país de origem. Para esse casal parental, a parentalidade deu oportunidade de criarem laços sociais no novo território, mas não diminuiu a lealdade com a família de origem.

Casal 2: Márcia e Luciano

Projeto e Experiências Iniciais de Parentalidade

Márcia e Luciano estavam noivos quando surgiu a possibilidade de trabalho no Brasil. Uma gravidez não planejada levou-os à decisão pelo casamento como forma de iniciar uma nova vida. Assim, vivenciaram passagens importantes simultaneamente no ciclo de suas vidas: a saída de casa em contexto de imigração, a conjugalidade e a parentalidade.

Tal como o primeiro casal, as relações pertencentes à rede de saúde eram fonte de preocupação. A necessidade de compreender a nova língua ficava ainda mais pungente face ao sistema de saúde e burocracias, causando alguns entraves que elevavam as condições de vulnerabilidade da parentalidade em situação de exílio. Analisou-se que quando a gravidez ocorre em novo território, as incertezas e as rupturas com a cultura de origem tornam-se mais evidentes e, consequentemente, mais doloroso é ser imigrante. Márcia relatou que, no período pré-natal, conseguiu atendimento em uma clínica para gestantes. Nas consultas, pouco entendia o que o médico lhe falava, precisando que Luciano lhe traduzisse as observações médicas.

Crescia um desconforto, pois ela gostaria de expressar suas demandas. Entretanto, para seu contentamento, em um dia de rotina de exames, ouviu na sala ao lado alguém falando seu idioma. Era um médico que estava clinicando há pouco tempo no Brasil e Márcia pediu que passasse a ser atendida por ele. Para o casal, esse encontro representou alívio e conforto afetivo. O mesmo idioma criava um senso de estabilidade e a condição de familiaridade, oferecendo amparo em momento de tantas fragilidades psíquicas. Evidencia-se que "falar a mesma língua" alivia a passagem entre o familiar e o novo. Durante as consultas que antecederam o momento do parto, o médico ressaltou ao casal parental as tradições e as aprendizagens a serem passadas ao filho mesmo em novo território. Sendo assim, verifica-se o quanto a conscientização de que o filho pode desfrutar de duas culturas, sem exclusão de alguma delas, é um fator tranquilizador.

Após o acompanhamento médico, Márcia relatou experiências dolorosas no pós-parto, durante o qual elementos culturais diferentes entre as duas culturas ficaram ainda mais pungentes. Moro (2017) destaca como efração cultural a vivência de mulheres exiladas diante da diferença de cuidados médicos entre os países de origem e o de destino. Para a autora, há um ato violento, em algumas intervenções médicas, pois estas estão intimamente ligadas a contextos culturais. Na cultura de Márcia, a mulher não deve molhar o cabelo durante a quarentena do pós-parto. Sua mãe, por telefone, alertava sobre a situação de vulnerabilidade e risco de vida. Entretanto, a equipe de enfermagem agiu sem ouvi-la:

> "Me levaram logo para tomar banho e lavar a cabeça! Quando eu dizia que não queria porque no meu país era diferente, as enfermeiras ficavam bravas comigo" (Márcia).

A perda do apoio familiar e social na primeira vivência de maternidade trouxe necessidade de compartilhamento e desamparo. Nos relatos de Márcia e Luciano, ambos lembraram que tiveram o apoio de um casal vizinho que lhes deu

suporte, como de uma família. Nos relatos, identificou-se a relevância do contorno e apoio para quem perdeu o laço familiar e social de origem:

"Tinham cuidados com o bebê como se fosse neto. Uma amizade como uma família completa" (Márcia).

"Essa vizinha ajudou em uma época muito difícil. A gente descobriu gente boa aqui no Brasil. Para nós, outra família" (Luciano).

Em momentos de fragilidade psíquica no processo migratório, as novas relações sociais são fundamentais, favorecendo a potência da autoconfiança e da adaptação. As novas conexões possibilitaram flexibilizar as diferenças culturais. A parentalidade parece, portanto, ser uma experiência ambivalente na situação de exílio: ao mesmo tempo que esgarça a condição de ser estrangeiro, também viabiliza a ampliação do potencial para lidar com o momento presente.

Relação Parento-Filial e Perspectivas de Futuro

Com o nascimento do primeiro filho, Márcia e Luciano receberam o visto de permanência no Brasil, o que deu mais liberdade nas escolhas profissionais de Luciano. Depois de três anos, mudaram de cidade, onde viveram a gestação e o nascimento do segundo filho. Os dois filhos encontram-se na adolescência, fase que desperta novas incertezas na relação parento-filial. Os pais precisam, ao mesmo tempo, lidar com inúmeras transições e conflitos geracionais relativos a valores culturais brasileiros e às transmissões daquilo que foi relevante na educação que receberam:

"A gente briga e dizem que amigos ficam até tarde na rua. Não quero assim, quero igual ao que foi comigo. Quando falam com primos pelo whatsapp, lá não é assim" (Márcia).

"Somos mais conservadores, como a gente foi educado. Querem sair sem os pais, mas ainda são crianças. Não podemos fazer assim desse jeito. Aqui é muita liberdade" (Luciano).

Percebe-se que a realidade dos espaços e hábitos dos filhos trouxe uma nova dinâmica familiar. Para Sayad (1998), é na adolescência dos filhos que os pais passam a tomar consciência das escolhas que fizeram ao deixarem a terra natal. Na medida em que os filhos crescem, a identificação maior é nas relações horizontais com amigos, marcados pela cultura em que vivem. Os pais tornam-se mais uma vez "estrangeiros", só que no espaço familiar, aos olhos dos filhos:

"Queremos que falem espanhol e que cresçam com a educação que tivemos. Mas é difícil porque mesmo vivendo aqui, temos a cabeça lá. Acabamos sem morar nem lá e nem cá" (Márcia).

"[em uma fala do filho mais velho para o pai] 'Você é pai de brasileiro. Você fala se a gente quer voltar? Mas a gente nunca foi de lá'" (Luciano).

Os filhos, ao mostrarem as próprias redes, a inserção e o enraizamento na cultura de exílio dos pais, provocam inquietações sobre a manutenção da continuidade com a cultura de origem. Márcia e Luciano revelaram o quanto a dimensão cultural atravessou a cadeia geracional, exigindo um trabalho psíquico de encontrar um equilíbrio dinâmico entre o que foi herdado e o que poderá ser transmitido.

Casal 3: Andréa e Felipe

Projeto e Experiências Iniciais de Parentalidade

Ainda no país de origem, Andréa e Felipe criaram um projeto de vida que lhes possibilitou melhores condições de trabalho, pois a situação de desemprego no país estava cada vez pior. Conseguiram sair para um país vizinho e, depois de dois anos, Felipe recebeu uma proposta de trabalho no Brasil. Após o aceite da oportunidade, Andrea engravidou antes de fazerem a mudança. A gravidez, também para esse casal, deixou mais evidente a diferença cultural, sobretudo devido ao idioma, desejando uma médica que falava inglês, língua que a eles era de alguma forma mais familiar. Isso os deixou mais confiantes, embora Felipe ainda estivesse inseguro, tanto pela parentalidade quanto pela escolha feita de virem para o Brasil:

"Com essa médica, eu conseguia falar e ela me acalmava muito. Tudo estava muito difícil!" (Andrea).

"A insegurança da decisão veio depois da mudança. Será que foi bom? Sem a certeza de garantir um entorno seguro para o bebê e para a minha esposa" (Felipe).

Após o nascimento do filho, o pai de Andréa morreu. A elaboração do luto pela morte do pai foi dificultada pela impossibilidade de retorno ao país de origem. Um sofrimento simultâneo difícil no momento de criar a própria descendência. Muito sozinha, Andrea aceitou receber ajuda, construindo amizades na vizinhança com outras mulheres que também tinham bebês. A necessidade de apoio também levou Felipe a se abrir para construir laços sociais com colegas brasileiros no trabalho:

> "Antes, eu só conhecia pessoas com filhos maiores, que não podiam me cercar. Quando mudamos para esse prédio, conheci mães com bebês" (Andréa).

> "Precisei da experiência de outros pais, precisava ter esse entorno para interagir e trocar experiências. No trabalho, com o dia a dia, o entorno ficou melhor" (Felipe).

A composição de uma rede social foi traduzida por Andrea e Felipe, quando disseram "cercar" e "entorno". Um invólucro que lhes deu continência foi tecido por agentes simples e possíveis da vida comum que eles tinham. Segundo Sluzki (2008), a expectativa em torno do envolvimento de uma nova rede relaciona-se à vida cotidiana das pessoas.

Viabilizadas pelos dispositivos tecnológicos, as famílias de origem, mesmo esgarçadas pela morte, mantiveram a rede de apoio presente. Compartilharam a dor e tentaram atender Andrea e Felipe nas pequenas queixas e pedidos de ajuda, o que, de alguma forma, mitigou a tristeza de todos por não poderem estar presencialmente com o primeiro bebê da nova geração. Melella (2016) destaca que o uso da tecnologia pode funcionar como mediação na vivência da migração, minimizando as perdas de vínculos, transformando em conexão o que é vivido como desenraizamento.

Relação Parento-Filial e Perspectivas de Futuro

Com o nascimento do filho brasileiro, Andrea e Felipe receberam o visto de permanência, possibilitando a ambos concretamente uma condição de enraizamento, favorecendo novas escolhas possíveis, antes limitadas ao vínculo de trabalho de Felipe. No novo país, o manejo da rotina colocou Andrea com sua energia voltada para os cuidados com a casa e o filho, uma condição que a fez descobrir-se uma mãe diferente do que teria sido em sua cultura. Uma diferença que apontou como positiva:

> "Minha família não entendia por que eu amamentava tanto tempo. Lá, não é assim. Mas gostei desse jeito daqui! Estava precisando estar mais com ele" (Andréa).

Em relação à identidade do filho, Andréa e Felipe mostraram o quanto a questão da nacionalidade do filho tornou-se uma questão inquietante ao longo da parentalidade. Ter duas referências culturais era, para eles, um desafio sem respostas prévias, gerando perguntas impossíveis de serem respondidas naquele momento com o filho ainda na primeira infância:

> "Falo em espanhol e em português porque se a gente um dia for embora quero que mantenha sua língua. Para mim, ele é brasileiro e é também de nossa terra" (Andréa).

> "Sei que na escola ele vai falar português, mas ele é de nosso país também" (Felipe).

Observa-se, nos trechos destacados, indagações sobre o lugar de pertencimento do filho. É um conflito que envolve a culpa de provocar a perda de suas tradições e vínculos. Felipe, ao mesmo tempo que mostrou muita preocupação com a proteção da esposa e do filho, relatou sua dor em relação às famílias de origem devido à condição de desproteção em que viviam:

> "Quando o filho vai estar com as famílias de lá? Conhecer os lugares, primos e tios? [...] Penso em quando vai melhorar a vida de lá pra gente levar ele pelo menos para conhecer nosso lugar. A gente manda para as famílias dinheiro para comida e remédio. Mas até quando?" (Felipe).

Para Andréa e Felipe, o crescimento do filho colocou em questão a continuidade da história familiar, analisando o que poderão deixar como legado de suas próprias lembranças infantis. Mais uma vez, a partir de um trabalho psíquico, a reflexão entre passado e futuro pode gerar uma via privilegiada para amenizar as incertezas com a criação de uma nova história estrangeira a todos.

Casal 4: Melina e André

Projeto e Experiências Iniciais de Parentalidade

Melina e André são do mesmo país africano, mas chegaram ao Brasil em momentos diferentes: Melina como indocumentada e André como refugiado. Ambos frequentavam a mesma igreja e passaram a namorar. Como um dos

preceitos da tradição de suas origens, a condição de namoro foi firmar o compromisso de noivado e, logo em seguida, de casamento e filhos.

Para cada um, a nova história foi iniciada a partir da cultura familiar que trouxeram. Mas como vivê-las, em uma cultura ocidentalizada? Na gravidez e no parto, Melina relatou que se sentiu assistida pela equipe médica e que, por estar há três anos no Brasil, o idioma não representou obstáculo. Sentiu angústia e insegurança em relação ao parto, pois a indicação era de parto cesárea, o que na cultura africana é vivido como gravidade e possibilidade de morte da mulher:

> "Lá, quando vai fazer cesárea é porque está mal! A maioria das pessoas que faz cesárea morre. Vou falar que foi horrível!" (Melina).

Observou-se a presença de ideias angustiantes, decorrências naturais da vulnerabilidade da primeira gravidez, porém que pareceram ser acentuadas a partir da diferença cultural. Moro (2017) pontua que as crenças do mundo de origem da mãe precisam ser levadas em conta, a fim de promover maior cuidado com a saúde emocional da mãe e, por conseguinte, do próprio bebê. A formação de uma rede de apoio, mais uma vez, ganhou espaço de importância para o invólucro de cuidados com o casal parental e o bebê. Melina e André passaram a contar com vizinhos e membros da igreja que frequentavam. Apesar do apoio conquistado, sentiam falta da rede familiar, pois em sua cultura a chegada de um bebê mobiliza a rede de mulheres em um ritual de introdução do novo membro da família na cadeia geracional:

> "Tinha uma vizinha que me ensinou a amamentar [...], mas lá, quando a mulher vai ter filho a mãe, irmãs e primas mudam pra casa dela pra ajudar" (Melina).

> "Na minha cultura, todos são irmãos. Família não sou eu, minha esposa e filho só" (André).

No relato de André, percebe-se a valorização que dá à coletividade. Segundo Cavalcante (2020), a filosofia africana da região de origem do casal tem na palavra "Ubuntu" o significado de "a humanidade para todos", o que representa a convivência com o outro, baseada na categoria "nós", como membro integrante de um todo social.

Relação Parento-Filial e Perspectivas de Futuro

O nascimento do filho oficializou a permanência legal de Melina e André, recaindo sobre o filho a função singular de enraizamento. Ademais, a parentalidade vivida no solo brasileiro também exigiu uma ampliação da necessidade de abrir novas perspectivas de pertencimento:

> "Eu queria ter filhos também porque eu queria conseguir o documento [...] Quando ele chegou eu pensei: Vou ter meu visto e documento" (Melina).

> "A história dela não serviu pra conseguir o estatuto de refugiado, mas com filho teve a possibilidade de ser permanente" (André).

O sentido de pertencimento e continuidade foi construído no cotidiano da relação parento-filial. As famílias no país de origem não entendiam as poucas palavras do idioma do neto estrangeiro, tornando difícil conversar com ele. Assim como o dialeto, para suas famílias de origem, a hierarquia possui um significado sagrado para o grupo familiar, transmitido pelos pais aos filhos, como compromisso de inscrição na história dos antepassados:

> "Minha mãe diz que tenho que ensinar nossa língua para ela conversar com ele. A gente prometeu que ia ensinar o Lingala porque é parte da tradição e vai continuar nele. Ele é daqui e da família de lá também. Acho que ele não é nem brasileiro e nem africano" (Melina).

> "Ele é brasileiro, mas não vou querer que ele seja completamente brasileiro[...].Não gosto do jeito que os filhos aqui falam com os mais velhos, falam de igual pra igual [...], mas o que é meu e o que é do país dele? Vou ter que criar uma coisa que tenha as duas formas. Um pouco de cada cultura" (André).

De acordo com André, cada grupo familiar transmite mensagens organizadoras de sua cultura, que são decodificadas no contexto cultural dos filhos, formando uma organização singular no complexo mundo que ambos descobrirão. Para eles, compor as diferenças culturais requer um processo de reorganização subjetiva que significa o trabalho da condição transcultural.

Reflexões gerais

Observou-se, nos casais entrevistados, que um dos conflitos mais significativos foi o desejo de manter a continuidade cultural de suas histórias, em exílio, mas precisando elaborar planos de uma educação transcultural para o filho brasileiro. Nos relatos, percebe-se o quanto a vivência da parentalidade é atravessada pela preocupação de oferecer e fazer o filho absorver a cultura de origem da família extensa, colocando em perspectiva o futuro do filho precocemente e permeado de ansiedade.

Foi possível constatar o quanto a parentalidade foi modulada por experiências singulares, evocando duas vertentes importantes da condição do exílio: a primeira refere-se à mudança forçada, motivada por razões econômicas e pela precariedade social dos países de origem, e a segunda foi a força do desejo de viver algo novo, a partir de um vigor propulsor de saída para uma nova vida.

Para Rosa (2016), partir da pátria envolve escolhas e sofrimentos que operam na relação com o outro. Tornar-se exilado dos bens materiais e culturais de suas vidas parece evocar um trabalho psíquico de criar uma vida que resiste diante da crise no país de origem. Tal situação provoca o testemunho vivo da capacidade humana de fazer irromper um fio desejante de continuidade pela via da parentalidade, embora nem sempre consciente.

Um aspecto que permeou as experiências de todos os casais entrevistados foi a estabilidade no plano jurídico brasileiro que os filhos primogênitos trouxeram aos pais. O entrelaçamento entre parentalidade e exílio gerou conflitos, ambivalências, necessidades de abrir-se ainda mais para a nova cultura. Percebe-se, de maneira latente, a culpa pela condição de viverem em melhores condições de sobrevivência, em relação aos demais membros familiares. Os casais manifestaram tristeza por viverem a parentalidade em condições de afastamento. No entanto, todos os participantes relataram ter recebido algum suporte emocional, que, de alguma forma, veio reparar a ruptura com vínculos distantes, deixados no país de origem.

A dialética presença-ausência também permeou as perspectivas de futuro dos participantes, merecendo destaque nesta discussão. Pensar sobre o futuro foi uma constante, ora os casais tinham expectativas de retorno ao país de origem, ora se viram paralisados sem os membros familiares estarem no país atual e estarem com um filho em novo território. Entende-se este estado mental a partir do conceito de perda ambígua (Boss, 2018). O referido conceito consiste na ausência física de algo em concomitância com sua presença em termos psicológicos, gerando a impossibilidade de um luto e, por consequência, uma difícil transformação psíquica. Nessas circunstâncias, a experiência de exílio ganha contornos da perda ambígua, evocando afetos de privação tanto para aqueles que saíram quanto para os membros das famílias que ficaram para trás.

Nas relações parento-filiais, percebe-se o quanto a introdução de novos referenciais culturais demarcou as fronteiras geracionais. Nas narrativas parentais estiveram presentes os ditos "país dele e o nosso" (entre pais e filhos de todos os participantes) e "o estrangeiro" (ora o filho, ora eles mesmos, ora a família de origem). Segundo Fuks (2017), o sujeito da diáspora se situa em uma vivência entre dois, cuja fronteira lhe permite partilhar a identidade da nação na qual ele existe e uma parte de si sempre em um espaço marginal do não lugar.

Em meio a essa complexidade, os participantes mencionaram ter dificuldades quanto à nomeação da nacionalidade dos filhos, descrevendo-os como sujeitos "de lá e de cá". Nota-se um esforço dos pais para integrar a identidade do filho, esbarrando na conciliação de lealdades invisíveis, as quais são compromissos que fazem parte do sistema familiar a ser transmitido e desenvolvido pela nova família nuclear (Boszormenyi-Nagy, 1973/2013).

Considerações Finais

Apresentou-se a experiência da construção da parentalidade em pais e mães casados heterossexuais cisgênero, em situação de exílio, que tiveram o primeiro filho no Brasil. A partir da análise dos resultados, considerou-se que o processo de ressignificar histórias está atrelado a viabilizar experiências que provocam o processo de projetar um futuro. A vivência de desenraizamento face à parentalidade é mitigada pelo movimento de construção de novas relações para que surjam experiências de suporte e aquisições.

Parentalidade transcultural é um reflexo da diversidade e da complexidade do mundo em que se vive. Envolve a interseção entre diferentes culturas e práticas parentais. Famílias que vêm de diferentes origens culturais trazem consigo uma riqueza de tradições e valores que moldam a maneira como criam seus filhos. Enfrentam desafios únicos ao tentar equilibrar suas tradições culturais com as normas da sociedade de acolhimento. Apesar das vicissitudes, os pais em exílio podem sentir suas experiências como fonte de aprendizado e crescimento, sobretudo, para as crianças envolvidas. Ao se depararem com diferentes maneiras de pensar e agir, as famílias têm a oportunidade de expandir seus horizontes e desenvolver uma maior compreensão e respeito pelas diferenças culturais.

Foi possível constatar nos relatos que deslocamentos, separação e reajustamento a uma nova cultura constituem um processo bastante complexo, em relação à transmissão geracional. A investigação e compreensão da transmissão psíquico-geracional é um recurso valioso (Magalhães & Féres-Carneiro, 2004) por ser um processo que afeta o sujeito contemporâneo, pela falta de referências estáveis, pela ausência de figuras de lei, pela desvinculação, pelas rupturas e pelo

descontrole. Nesse ponto, cabe a indagação de como efetuar a transmissão psíquica que possibilita a continuidade das histórias, em uma vivência de desterritorialização das origens. É o momento de se inclinar à oportunidade de conhecer a multiplicidade complexa das famílias que cruzaram mundos e precisaram inventar novas formas de inscrever seus filhos em uma história geracional transcultural.

Torna-se importante reconhecer que sujeitos em exílio precisam de diferentes fontes de apoio, inclusive a familiaridade do idioma, no enfrentamento de situações de fragilidade psíquica, para conseguirem seguir o caminho do desejo de um novo futuro, de reexistência e de adaptação. Estima-se que os resultados aqui discutidos tragam subsídios no trabalho com famílias em situação de exílio, uma vez que a transculturalidade possibilita a composição de múltiplas etnias, culturas, ideias e olhares. Tais famílias precisam da criação de dispositivos sociais de escuta e de rede de sustentação especializada, visando a efetivação de espaços de transformações sociais. Novas redes de apoio são fatores estabilizadores importantes no primeiro momento da parentalidade, destacando-se figuras de equipe médica de assistência, colegas de trabalho e pessoas de outros espaços de convivência. Compreende-se que, apesar de todas as adversidades implicadas na parentalidade transcultural vivenciada pelos casais participantes desta pesquisa, as narrativas descreveram vidas que resistem apesar de rupturas, sendo possível superar a violência vivida e gerar reorganizações potentes em suas vidas.

Por fim, compreende-se que o estudo apresenta limitações, especialmente concernentes ao fato de três dos quatro casais pertencerem ao mesmo país sul-americano, fator que pode influenciar nas experiências relatadas, haja vista a semelhança que pode haver quanto à cultura e aos valores trazidos do país de origem. Com isso, acredita-se que estudos futuros, com maior diversidade de países e continentes de origem dos participantes podem enriquecer a compreensão acerca das vivências, favorecendo o delineamento de intervenções psicológicas para o acolhimento e promoção da saúde mental do público em questão.

Referências

Boss, P. (2018). *Loss, trauma, and resilience: Therapeutic work with ambiguous loss.* W. W. Norton & Company.

Boszormenyi-Nagy, I. (2013). *Invisible loyalties.* Routledge. (Obra original publicada em 1973).

Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). Etnicidade e o ciclo de vida familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed., pp. 77-82). Artmed.

Cavalcante, K. L. (2020). Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano. *Revista Semiárido de Visu, 8*(2), 184-192. https://periodicos.ifsertao-pe.edu.br/ojs2/index.php/semiaridodevisu/article/view/1094/458

Dias, M. L. (2021). Família. In R. B. Levisky, M. L. Dias, & D. L. Levisky (Orgs.), *Dicionário de Psicanálise de Casal e Família* (pp. 198-203). Blucher.

Fuks, B. B. (2017). Vozes do exílio: sobre o impossível da identidade. Revista Brasileira de Psicanálise, 51(1), 32-45. https://docs.bvsalud.org/biblioref/2017/09/849382/betty-fuks.pdf

Kaës, R. (2000). Um pacto de resistência intergeracional ao luto: Transmissão psíquica dos efeitos da morte de uma criança sobre os irmãos e irmãs e sobre sua descendência. In O. Corrêa (Org.), *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (pp. 45-60). Escuta.

Macedo, M. M. K. (2022). A (in)visibilidade do outro: Reflexões sobre refúgio e migração. *Psicologia: Ciência e Profissão, 42*, e239394. https://doi.org/10.1590/1982-3703003239394

Magalhães, A. S. (2021). Parentalidade. In R. B. Levisky, M. L. Dias, & D. L. Levisky (Orgs.), *Dicionário de Psicanálise de Casal e Família* (pp. 386-392). Blucher.

Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2004). Transmissão psíquico-geracional na contemporaneidade. *Psicologia em Revista, 10*(16), 243-255. https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/211/222

Melella, C. (2016). El uso de las tecnologías de la información y comunicación (TIC) por los migrantes sudamericanos en la Argentina y conformación de redes sociales transnacionales. REMHU: *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, 24*(46), 77–90. https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/55

Moro, M. R. (2017). Parentalidade e diversidade cultural. *Revista Brasileira de Psicanálise, 51*(2), 137-149. http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v51n2/v51n2a11.pdf

Nicolescu, B. (1999). *O manifesto da transdisciplinaridade.* Triom.

Nouss, A. (2015). *La condition de l'exilé: Penser les migrations contemporaines.* Éditions de la Maison des sciences de l'homme.

Ramos, M. N. P. (2020). Desafios globais contemporâneos da comunicação e da saúde das populações migrantes e refugiados. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, 19*(35), 38-49. https://doi.org/10.55738/alaic.v19i35.657

Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. Escuta.

Rosa, M. D. (2023). Passa anel: famílias, transmissão e tradição. In D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Orgs.), *Parentalidade* (pp. 23-37). Autêntica.

Santos, S. M. de A., & Meza, I. J. L. B. (2021). Para onde vou com a minha família? Uma etnografia sobre projetos coletivos e migração venezuelana em Manaus (Brasil). *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, 29*(61), 179-194. https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006111

Sayad, A. (1998). *A imigração e os paradoxos da alteridade.* EDUSP.

Sluzki, C. E. (2008). Migration and the disruption of the social network. In M. McGoldrick & K. V. Hardy (Eds.), *Re-visioning family therapy: Race, culture, and gender in clinical practice* (2nd ed., pp. 39-47). Guilford Press.

Solis-Ponton, L. (2004). A construção da parentalidade. In L. Solis-Ponton (Org.), *Ser pai, ser mãe: Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio* (pp. 29-40). Casa do Psicólogo.

Contribuição dos Autores
Pinna, C. R. C.: Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Escrita – redação do rascunho original.
Machado, R. N.: Supervisão, Escrita – revisão e edição.
Sei, M. B.: Escrita – revisão e edição.
Mello, R. M.: Escrita – revisão e edição.

Fonte de Financiamento
Este artigo é derivado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, com apoio da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Conflito de Interesses
Os autores informaram que não há conflito de interesses.

Direitos Autorais
Os autores detêm os direitos autorais relativos ao artigo e concedem à Revista Subjetividades o direito de primeira publicação. O trabalho é publicado em Acesso Aberto (*Open Access*) sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 (CC BY-NC 4.0).

Uso de Inteligência Artificial
Os autores declaram que não foi utilizado nenhum recurso de Inteligência Artificial na elaboração deste artigo.

Verificação de Similaridade
A Revista Subjetividades mantém a prática de submeter todos os artigos aprovados para publicação à verificação de similaridade pelo software *iThenticate* da *Turnitin*, através do serviço *Similarity Check* da *Crossref*.

Disponibilidade de Dados
Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo poderá ser disponibilizado mediante solicitação.

Revisão por Pares
Este conteúdo foi avaliado conforme o processo de revisão por pares duplo-cego (*double-blind peer review*). A divulgação das informações dos pareceristas e do Relatório de Revisão por Pares (*Peer Review Report*) é feita somente após a conclusão do processo avaliativo e com o consentimento voluntário dos respectivos pareceristas e autores.

Editora-chefe Responsável
Regina Heloisa Maciel
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0003-2933-7021

Editores Associados
Kaline da Silva Lima
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0001-6127-5815

Leônia Cavalcante Teixeira
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-4997-5349

Lucas Guimarães Bloc
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-8528-131X